

ALTEROSA PARA A FAMÍLIA DO BRASIL – BREVE HISTÓRIA DE UMA REVISTA *

*Cláudia J. Maia***
*Telma Borges Silva****

Resumo: Alterosa era uma revista ilustrada, noticiosa e literária publicada em Belo Horizonte entre 1939 e 1964. Embora fonte preciosa de pesquisa sobre pessoas, história da imprensa, aspectos sociais, culturais, políticos e literários do Brasil, especialmente de Minas Gerais, a revista foi pouco estudada. Este artigo tem por objetivo apresentar uma breve história da revista a fim de estimular novas pesquisas que utilizem com fonte.

Palavras-chave: Alterosa, Minas Gerais, imprensa, literatura.

ALTEROSA FOR THE FAMILY OF BRAZIL - BRIEF HISTORY OF A MAGAZINE

Abstract: Alterosa it was a magazine cultured, informative and literary published in Belo Horizonte between 1939 and 1964. Although precious source of research on people, history of the press, aspects social, cultural, political and literary of the Brazil, especially of Minas Gerais, the magazine was little studied. This article has for objective to present an abbreviation history of the magazine for stimulate new researches that use with source.

Key-words: Alterosa, Minas Gerais, press, literature.

* Este artigo é resultado de parte das análises realizadas na pesquisa “A construção de representações femininas na revista Alterosa”, desenvolvida com apoio financeiro da FAPEMIG.

** Doutora em História pela UnB. Professora do Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários e do Departamento de História da Unimontes. Bolsista BIPDT/FAPEMIG.

*** Doutora em Literatura pela UFMG. Professora do Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários e do Departamento de Letras da Unimontes.

Introdução

A televisão, ao lado da internet, é hoje sem dúvida o mais importante e expressivo meio de comunicação de massa. Até a década de 1950, entretanto, este lugar era ocupado pelo cinema, pelo rádio e pelas revistas ilustradas, conforme o clássico estudo de Adorno e Horkheimer (1986). Estes meios de comunicação não apenas funcionavam no sentido de produzir e vender produtos culturais, como bem discutiram os autores citados, mas eram práticas discursivas que constituíam sujeitos, valores, formas de comportamentos, padrões de beleza, de corpos, de sexualidade, instituíam modas, tendências, saberes e representações. Até o final da década de 1950 as revistas ilustradas, voltadas a um público específico, como o feminino, ou ao público geral, proliferaram no Brasil. São exemplos *Cruzeiro*, *Fon-Fon*, *A cigarra* e a revista *Alterosa*, objeto do presente artigo.

Embora constitua numa fonte preciosa de pesquisa sob várias abordagens e perspectivas teóricas, oferecendo ampla variedade de objetos para o estudo da história da imprensa, da literatura, do cinema e do rádio, de aspectos políticos, sociais, culturais e de gênero do Brasil, especialmente de Minas Gerais, a revista *Alterosa* ainda é pouco estudada. Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo apresentar uma breve história desse período a fim de estimular o seu uso como fonte histórica. As discussões que seguem foram realizadas a partir da própria revista, objeto e fonte principal deste artigo. A coleção completa de *Alterosa* encontra-se disponível para consulta na Hemeroteca Pública do Estado de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

O nascimento de *Alterosa*

Em agosto de 1939 nascia na capital mineira pelas mãos do entusiasta jornalista Miranda Castro, com 140 páginas, textos modernos e capa colorida a revista *Alterosa*.¹ Sob agouros de que não passaria do terceiro número, a revista teve vida longa, circulou mensalmente até 1964, chegando à tiragem de 60 mil exemplares em 1958² (cf. Fig.1). Na sua fase mais prospera nos anos de 1950, chegou a ter sucursal no Rio de Janeiro, representantes em São Paulo e esquema de assinatura na Europa e continente americano. Conforme matéria de comemora-

¹ O jornalista Adelino P. Silva em seu Blog “Mais ou Menos Nostalgia” abriu um post em 2008 sobre a revista *Alterosa*, de qual era leitor. No post ele sugere, sem certeza, que o nome da revista era em alusão a Belo Horizonte. “A capital de MG era conhecida como cidade montanhosa, alta, de clima excelente. Daí o “cidade das alterosas”, imagino. Hoje quase não se fala disso, mas naquela época era a sua “marca registrada”.” (SILVA, A. P. Blog Mais ou menos nostalgia, 2008. acesso 01/06/2010). Não encontramos na revista explicação para o nome “*Alterosa*”.

² Em matéria não assinada publicada por ocasião da morte de Miranda e Castro o autor fala em 25 mil exemplares. No expediente das edições de 1958 a tiragem indicada é de 60.000.

ção de 23 anos de *Alterosa*, publicada em 1962, o crescimento da revista começou logo após o final da segunda guerra mundial, “(...) chegando a ter uma tiragem de 25 mil exemplares, das maiores do Brasil: a revista circulava da fronteira do Uruguai ao Amazonas, até Lisboa e territórios ultramarinos portugueses, na África”. (*Alterosa*, ago./1962, p.65). A partir de 1953, a revista já estava amplamente consolidada, passando a circular quinzenalmente até 1960, quando entrou em crise de vendagem e voltou à circulação mensal.

The image shows the first page of the magazine 'ALTEROSA' from January 1958. At the top center, the title 'ALTEROSA' is prominently displayed, with the subtitle 'PARA A FAMÍLIA DO BRASIL' underneath. To the right, a box indicates the circulation: 'TIRAGEM: 40.000 EXPLS'. The page is filled with a table of contents, organized into several columns. The first column lists various sections like 'CAPA', 'CONTOS E NOVELAS', 'ARTIGOS E REPORTAGENS', and 'RECÓDIN PERMANENTES'. The second and third columns list specific articles and their authors, such as 'Mário e Patrícia', 'A Vida de São Paulo', and 'A Vida de São Paulo'. The fourth column lists page numbers. At the bottom left, the date '1 DE JANEIRO DE 1958' is visible, and at the bottom center, the word 'ALTEROSA' is printed again.

Figura 1: sumário e tiragem da revista *Alterosa*
 Fonte: ALTEROSA, jan./1958, p.1

Alterosa era uma revista ilustrada de formato semelhante as atuais *Veja* e *Isto é*, mas além de noticiosa era também na sua primeira fase literária e destinada à “família do Brasil”, por isso apresentava conteúdo amplamente diversificado, embora mantivesse seções permanentes destinadas ao público feminino. Publicavam acontecimentos diversos, humor, assuntos sobre moda, beleza, novidades do cinema e do rádio, poesia, contos, crônicas, fatos sociais, notícias de cidades mineiras, dentre uma variedade de temas. A revista cresceu e ganhou fama, passando a circular em diversos estados brasileiros, de onde vinham cartas, matérias e contos de leitores em forma de colaboração.

Embora tenha passado por inúmeras transformações em seu repertório ao longo dos seus 25 anos, a história da revista pode ser dividida em duas fases. A primeira fase vai da sua criação até abril de 1962, período em que esteve sob direção do seu fundador. Em 1962, já em crise como se pôde notar pelo número reduzidíssimo de tiragem, a revista foi comprada pelo Banco Nacional de Minas Gerais, pertencendo

cente ao então governador de Minas José de Magalhães Pinto (Moraes, 1997). A partir da edição de maio de 1962 a revista ficou sob direção do jornalista Roberto Drummond.

Miranda e Castro: criação e consolidação de Alterosa

Em sua primeira fase, a revista *Alterosa* estava destinada ao público mais amplo sem estratificação, característica dos meios de comunicação de massa. Apresentava um projeto gráfico pobre, sem recursos técnicos mais sofisticados, ilustrações manuais, cores opacas, com matérias fragmentadas em várias páginas. Estava voltada à informação e ao entretenimento. O “tom” dos textos de maneira geral era ingênuo, familiar com ares de cordialidade, apresentando-se como uma espécie de projeto de interesse social coletivo e não um projeto comercial. Entretanto, para os padrões da época a revista contava com oficina gráfica considerada moderna e procurava praticar um jornalismo profissional, desinteressado, com a remuneração de seus colaboradores, uma novidade Minas, como atesta Euclides Andrade na coluna “Letras e Livros” da edição de março de 1962:

Naquele tempo em que havia muito amadorismo na imprensa, ele introduziu em Minas – pode-se dizer – o sistema de colaborações pagas. Fazia questão de remunerar seus colaboradores. O contista entregava seu conto, ou o poeta seu poema – poucas palavras às vezes – e lá vinha o cheque do Miranda. (*Alterosa*, mar./1962, p.67).

Nessa nota, de despedida do antigo diretor e fundador, o articulista atribui o sucesso de *Alterosa* ao empenho de Miranda e Castro e sua esposa, Neide Manso Castro (cf. Fig.2) que “trabalhavam com amor como se a revista fosse a menina de seus olhos”. (Id. *Ibid.*).



Figura 02: Miranda e Castro e Neide Manso Castro em um dos aniversários da revista *Alterosa*
Fonte: ALTEROSA, ago./1962, s/p.

Nascido no Rio de Janeiro, filho de Ulisses Ribeiro de Castro e Nair José Miranda, quando criou *Alterosa*, o jornalista Olímpio Mirada e Castro, embora muito jovem, já era um experiente jornalista tendo passado por diversos veículos de comunicação.

Com 14 anos Miranda e Castro, aluno da 4ª série Ginásial em Juiz de Fora, já era repórter do vespertino “A Tarde”, colhendo notícias que iam de crimes a acontecimentos da alta sociedade. Decidiu voltar ao Rio, onde nasceu, passando pela “A Batalha” e “Radio Clube do Brasil”. Em 33 vinha para Belo Horizonte, uma cidade de 150 mil habitantes. Fez-se repórter do “Diário da Tarde”, mas como era obrigada a fazer toda a última página, responder pelo serviço telegráfico para ganhar só 150 mil réis, trocou-o pelo “Correio Mineiro” dirigido pelo Prof. Alberto Deodato. Seu salário: 200 mil réis. Quatro meses depois era o Diretor de Publicidade. (*Alterosa*, jun./1962, s/n.).

Trabalhou ainda no vespertino “O Debate”, na revista “Montanhera”, de Fábio Andrada, filho do ex-governador Antônio Carlos e na “Revista Comercial”, de onde saiu para criar a revista *Alterosa*. Sua esposa Neide Castro foi, desde o início, a principal aliada em sua empreitada, tendo ela exercido várias funções na revista, de revisora de textos a diretora.

Já no segundo ano a revista enfrentou *déficit* devido à falta de papel provocada pelo início da segunda guerra mundial.

Enquanto crescia na Europa a guerra dos canhões, Miranda e Castro, iniciou aqui uma guerra com objetivo diferente: conseguir o dinheiro para comprar papel e manter a revista em circulação. Sua arma: uma pasta cheia de recibos e um terno xadrez, de fundo cinza, que baralhava a vista de quem os via. O inimigo: os comerciantes e banqueiros de Belo Horizonte. (*Alterosa*, ago./1962, p.64).

Nesse período, Belo Horizonte era uma cidade ainda pequena, com cerca de 60 mil habitantes e os comerciantes não necessitavam de anúncios para venderem seus produtos, pois o “tapinha nas costas” e a conversa pessoal eram suficientes. A solução veio da proposta de um criador de gado que ofereceu quinze contos para ver seu boi zebu na capa de *Alterosa*. O diretor aceitou a proposta com a condição de que, ao lado do boi, estivesse a filha do criador, pois tradicionalmente a revista trazia em sua capa a imagem de uma moça (*Alterosa*, jun./1962, s/n.). Essa condição imposta pelo jornalista sugere, portanto, o principal público alvo da revista: o feminino³.

Na revista havia seções permanentes como a “Vitrine Literária”, que dentre outras coisas, informava sobre os lançamentos no âmbito da literatura; “Sedas e Plumas”, espécie de crônica e coluna social; e “Bom Tom”, com dicas de etiqueta e comportamento, dentre outras.

³ Em 1945 Mirada e Castro recebeu por duas vezes proposta do grupo “Diários Associados” de propriedade de Assis Chateaubriand para vender *Alterosa*.

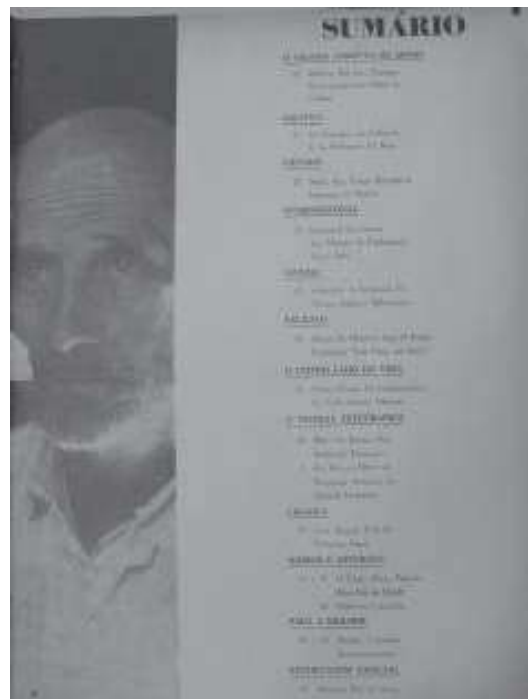
A seção de contos que nos primeiros anos ocupou parte considerável da revista e para a qual se realizaram concursos patrocinados por empresas como Cia de Seguros Minas-Brasil. Os concursos era uma forma de a revista assegurar “bons” textos para publicar, realizar sua própria publicidade e, sobretudo, interagir com os leitores, tornando-os parte integrante do corpo editorial e, de certa maneira, corresponsáveis pelos conteúdos publicados. Mas evidentemente ao escolher o conto vencedor a revista selecionava os textos e conteúdos que queria ver publicado conforme os seus interesses.

Havia também uma seção de aconselhamento sentimental, uma modalidade de grande repercussão à época. A primeira delas, chamava-se “Confidências e Confissões” e estava sob responsabilidade do aconselhador Sílvio Castelar, a partir do segundo ano, a coluna passou a chamar-se “Caixa de Segredos” assinada até a sua extinção no final da década de 1950 por três mulheres, Consulo San Martín, seguida de Lúcia Maria e Maria Maderna. Os leitores escreviam para essa seção em busca de conselhos sentimentais e dicas de comportamento. Embora os/as aconselhadores frequentemente deixassem claro que atendiam tanto a mulheres quanto a homens, a maioria das missivas recebidas, ou pelo menos respondidas na revista, era de mulheres. Nessas colunas, os aconselhadores construíam ideais de escolhas e relações matrimoniais, de amor, de família e de comportamento feminino fundadas em representações de gênero que asseguravam as assimetrias entre homens e mulheres (MAIA, 2006).

Por muito tempo, os colaboradores e redatores eram pessoas famosas em Minas como o escritor Mário Matos, os poetas Djalma Andrade e João Alphonsus de Guimaraens, o arquiteto Sílvio de Vansconcelos, o jornalista e compositor Vinícius de Carvalho, o ex-prefeito José Oswaldo de Araújo, a advogada Mieta Santiago, os jornalistas Hélio Vaz de Melo e Teódulo Pereira. Colaboraram também escritores nacionalmente conhecidos como o mineiro Murilo Rubião, a paulista Maria José Dupré, a jornalista, escritora, ilustradora e correspondente internacional Olga Obry, a jornalista e contista Leonor Telles, dentre outros.

A partir, sobretudo, de 1945, período que culmina com o pós-guerra e a consolidação da influência norte-americana no país, a revista aos poucos altera seu repertório, aumentando a importância dada ao cinema, aos acontecimentos e aos produtos norte-americanos, e a publicidade. As estrelas de Hollywood ganham as capas da revista e ampliam os números de anúncios de produtos de higiene, toalete, saúde e beleza destinados, quase que exclusivamente, às mulheres. A revista parece voltar-se em especial ao público feminino, o que justifica a ampliação do número de matérias cujas discussões incluem assuntos canonizados como femininos ou aqueles nos quais as mulheres começam a se destacar. São eles: comportamento, ação social, instrução, trabalho, etc. Somente na edição comemorativa de aniversário, em agosto de 1946, foram publicadas dez matérias sobre mulheres, uma delas dedicada “às colaboradoras de *Alterosa*”.

Foram criadas colunas que indicavam o tipo de mulher ao qual a revista era destinada e, ao mesmo tempo, àquele perfil que ela desejava constituir. Citemos, a título de exemplo, algumas das seções dedicadas especialmente ao público feminino: “Página das Mães”, que oferecia conselhos para educação, cuidado e saúde dos filhos; discutia temas como família, maternidade e casamento; a coluna “Para as donas de casa” trazia receitas e dicas para retirar manchas e cheiros, uso e conservação de alimentos, lavagem de tecidos, valor nutritivo dos alimentos, etc.; o “Bazar feminino”, com conselhos e dicas de beleza, cremes, cuidados com os cabelos e a pele, maquiagem, etc., e a coluna “Tendências da moda”, com as novidades, sobretudo do vestuário, de cortes e de tecidos. O sumário da revista em 1958 trazia as colunas destinadas às mulheres (Bazar feminino, Modas, Para seu Lar, Arte Culinária) separadas em uma seção chamada “Para a mulher e o lar”. Em 1962, já sob nova direção, essa seção passou a se chamar “Para a mulher”, com matérias sobre moda, culinária e “suplemento do lar”. Interessante notar que no sumário, ao lado dessa seção aparecem outras que são: Política; Futebol; O grande assunto de Minas; Internacional; Cinema; Interesse humano; Educação; Literatura; A notícia telegráfica; Humor e diversão. Essa divisão sugere que dentre essa diversidade de temáticas, somente aquelas relacionadas à moda e o lar são de interesse feminino. (cf. Fig.03). Desta forma, pode-se perceber desde o sumário a organização e distribuição do discurso da revista conforme o gênero.



SUMÁRIO	
ARTIGOS	
1. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
2. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
3. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
4. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
5. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
6. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
7. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
8. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
9. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
10. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
11. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
12. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
13. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
14. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
15. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
16. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
17. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
18. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
19. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
20. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
21. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
22. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
23. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
24. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
25. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
26. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
27. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
28. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
29. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
30. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
31. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
32. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
33. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
34. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
35. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
36. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
37. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
38. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
39. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
40. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
41. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
42. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
43. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
44. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
45. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
46. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
47. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
48. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
49. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
50. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
51. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
52. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
53. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
54. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
55. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
56. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
57. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
58. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
59. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
60. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
61. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
62. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
63. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
64. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
65. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
66. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
67. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
68. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
69. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
70. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
71. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
72. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
73. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
74. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
75. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
76. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
77. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
78. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
79. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
80. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
81. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
82. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
83. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
84. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
85. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
86. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
87. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
88. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
89. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
90. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
91. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
92. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
93. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
94. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
95. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
96. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
97. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
98. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
99. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro
100. O homem e a mulher	Dr. Carlos de Castro

Figura 03: sumário de Alterosa, edição de janeiro de 1963.

Fonte: ALTEROS, ago./1962.

Em março de 1962, Miranda Castro, já doente, encerrou suas atividades após 23 anos à frente de *Alterosa*, vendida ao Banco Nacional de Minas Gerais. No dia 08 de maio desse mesmo ano, faleceu aos 50 anos vítima de um enfarto. Conforme ressaltou matéria sobre sua morte publicada na edição de junho: “Além das pessoas que sempre amou, Miranda e Castro fez questão de ter, à cabeceira, o exemplar de abril, o último sob sua orientação, da revista ALTEROSA, da qual ele se despediu, ao deixar seu comando, chamando-a de filha”. (*Alterosa*, jun./1962, s.n.).

Roberto Drummond – a “nova” *Alterosa*

O jornalista e escritor Roberto Drummond assumiu a direção de *Alterosa* a partir da edição de maio de 1962 como objetivo de reerguer a revista, por isso no seu primeiro editorial prometia uma grande revolução editorial: “Breve, porém, ALTEROSA entrará em nova fase, atualmente em estudos, destinada a fazer dela uma revista moderna e inteiramente identificada com o melhor e mais novo jornalismo”. (*Alterosa*, maio/1962, p.2). A novidade já começava com o editorial “Diálogo com o leitor”, onde o novo diretor apresentava a edição e interagia com os leitores, através de respostas às suas cartas. Nessa edição responde à missivas vindas de Almenara (MG), Porto Alegre, Bauru (SP), Belo Horizonte e até da Itália, o que demonstra a enorme circulação da revista. Um dos leitores lamenta o fato de, “apesar de tão boa, nossa revista continue magra pelo número de páginas”. Ao que responde o novo diretor: “ALTEROSA vai engordar e melhorar de aspecto. Aguarde.” (id. *Ibid.*).

Roberto Drummond nasceu em Ferros (MG) assumiu a direção de *Alterosa* aos 28 anos. Nos anos de 1950 foi militante da juventude comunista de Belo Horizonte. A partir dos anos de 1960 participou da chamada *literatura pop* marcada pela ausência de cerimônias e pela proximidade com o cotidiano. Escreveu vários livros, ficando nacionalmente conhecido com a publicação do romance “*Ilda Furacão*”, adaptado em minissérie pela rede Globo de televisão em 1998. À frente da revista *Alterosa*, Drummond formou uma equipe de jornalistas e colaboradores notáveis como Fernando Gabeira, Ivan Ângelo, José Salomão, Oswaldo Amorim, Júnia Rios Netto, Geraldo Andrada, o cartunista Henfil, a escritora Lúcia Machado de Almeida, o famoso poeta Bueno de Rivera, responsável pela coluna “*Poesia das Coisas*”, dentre muitos outros. Na equipe de reportagens Dirceu Soares, Euler Cássia, Karl Schmidt, Maurício Tôrres, Carlos Orlando e Alvimar de Freitas.

Em agosto de 1962, ao completar 23 anos, *Alterosa* apareceu de cara nova e com as mudanças prometidas. Em oposição à “antiga” *Alterosa*, que passou a ser descrita pelo seu diretor como obsoleta, tradicional, fora de moda; a “nova” *Alterosa* era moderna, em formato maior (33,5 X 25 cm) – como a sua concorrente a

famosa *Cruzeiro* –, papel e impressão gráfica de melhor qualidade, títulos longos, grandes reportagens nacionais e internacionais. A primeira edição da “nova Alterosa” trazia na capa a bela e elegante Jacqueline Kennedy (Cf. fig.04). Com viagem marcada para o Brasil, a primeira dama dos EUA era sucesso garantido na mídia, por isso amplamente cortejada pela imprensa mundial e mostrada como modelo ideal de mulher a seguida. Ditava moda, revolucionou a maneira de penetrar, de sorrir; mãe modelo; saía pelo mundo para ajudar ao marido. Nesse período eram constantes as comparações entre Jackie e Tereza Goulart, a também bela, elegante e “amada” primeira dama do Brasil, a única primeira-dama no mundo que fazia face a Jackie. A revista lançava mais uma polêmica: “Quem é mais elegante, Jackie ou Tereza Goulart?” (Alterosa, ago./1962, p.6).



Figura 04: Jacqueline Kennedy – capa da “nova” Alterosa
Fonte: ALTEROSA, ago.1962

No “diálogo com o leitor” o editor apresentou o perfil da “nova” Alterosa, que não obstante às mudanças, continuava sendo uma revista da família.

[...] sua revista seguirá por caminhos definidos: terá uma personalidade própria, capaz de distingui-la entre as demais e de impedir que seja confundida com quaisquer outras experiências de aquém ou além mar. Agradar, principalmente, a seus

leitores de Minas, é o objetivo central da nova ALTEROSA, que pretende, de 30 em 30 dias, chegar à sua casa como uma visita sempre aguardada, que não cansa. Isso porque, dentro de sua variedade, a sua revista há de ser como os amigos de prosa agradável, que falam de coisas sérias, fazem rir, ensinam, mostram novidades. Buscando dar uma leitura fácil, capaz de satisfazer a sua curiosidade, a nova ALTEROSA, que se filia ao mais moderno jornalismo brasileiro, terá um único critério da escolha de seus temas: - tudo que for digno do interesse, e da atenção de seus leitores. Por fim: não será uma revista nem masculina, nem feminina, mas vai procurar oferecer, sem puritanismo, leitura para toda família. Será uma moderna revista para o lar. (Editor. In: Alterosa, ago./1962, p.2).⁴

A injeção de dinheiro pelos novos proprietários possibilitou que a revista tivesse três equipes viajando pelo Brasil, correspondentes internacionais, como Luiz Edgard de Andrade, e colaboradores famosos remunerados como Otto Lara Resende. Reduziu significativamente o número de publicidade e colunas destinadas às mulheres. Manteve ainda em alguns números a seção “Para a Mulher” no sumário com assuntos de moda, culinária e entretenimento; foram criadas as colunas permanentes “Femininas” que trazia as tendências da moda com estilistas famosos, dicas de beleza e estética; e “Elas” com notícias de mulheres famosas do mundo social e artístico. Também foram mantidas notícias do cinema, especialmente de Hollywood e suas estrelas, sobretudo as mais baladas dos anos sessenta Marilyn Monroe, Brigitte Bardot e Sophia Loren; e de humor com charges de Henfil e Bosc. Os contos premiados no concurso, passaram a ser publicados em encarte no meio da revista para ser destacado e montado em um pequeno livro. Passaram a publicar reportagens sobre futebol, com grande destaque para o time do Santos e o rei Pelé. A revista também sofreu influências do jornalismo sensacionalista iniciado nos anos sessenta, assim apresentava manchetes de notícias como: “Em Minas homem já vê o mundo com olhos de coelho”; “Velhinha de 86 anos inicia vida nova na penitenciária depois de matar quem lhe sorriu”; “Índios de Minas descobrem divórcio”; “Menino enxerga com olho de morto” – título de uma reportagem sobre transplante de córneas (cf. Fig.05).

As colunas “Diálogo como o Leitor” e posteriormente “O leitor” seguiram publicando trechos de cartas de leitores elogiando as mudanças da “nova” Alterosa. Em janeiro de 1964 o editor reafirmava que alterosa seguia a linha do novo jornalismo inaugurado no Brasil sem preconceitos geográficos e jornalísticos ao apresentar mais uma novidade na revista:

[...] mês que vem, Alterosa lançará, entre outras surpresas, a reportagem-didática, transformando gente e coisas aparentemente confusas em leitura fácil. Porque a

⁴ No editorial do mês seguinte o editor assinalou que em apenas 24 horas a “nova” Alterosa já havia esgotado nas bancas centrais da capital mineira, fazendo crescer as vendas em 400%. No seguintes, publicou trechos de cartas recebidas de leitores de várias partes do país elogiando as mudanças e a nova fase da revista.

missão de Alterosa não é só distrair: é também ajudar no esforço cultural do Brasil. (Alterosa, 10 jan./10 fev. 1964, p.1).

A primeira reportagem começou interpretando o pintor Alberto de Viera Guignard. Essa prática das revistas ilustradas e dos meios de comunicação de massa em geral é o que Dwight Macdonald chamou de processo de *kitschificação* da obra de arte. Macdonald ao analisar a cultura popular dividiu-a em *masscult* – Cultura de Massa – e *midcult* – Cultura Média. A *midcult* tem-se por moderna, liberal e cultiva certas veleidades de reformismo. É uma forma de simplificação dos conteúdos para serem mais bem compreendidos pelo público médio, que quer se diferenciar das massas passando a se achar ‘culto’. “As revistas *midcult* simplificam até aguar de todo as grandes correntes de pensamento e de arte de nosso tempo”. Macdonald chama esse fenômeno de *ktsch*; o processo de *kitschificação* da arte, conforme o autor é a simplificação da mesma para compreensão desse público médio, retirando-lhe a complexidade e a densidade, que em geral, resulta em distorções estéticas. (Macdonald *apud* Bosi, 2000, p. 76-78).

Ao contrário da fase anterior, a revista passou a dar maior atenção aos acontecimentos políticos. Despedia-se do jornalismo “descomprometido”, das matérias sobre “amenidades”, passando a assumir um conteúdo mais voltado aos assuntos políticos. Essa nova fase de Alterosa culmina exatamente com o período que antecede ao golpe militar no Brasil. O mundo vivia no clima da guerra fria entre as ideologias do capitalismo liderado pelos EUA e do socialismo capitaneado pela URSS; na América Cuba havia acabado de fazer sua revolução comunista (1959); no Brasil João Goulart havia assumido a presidência após a renúncia de Jânio Quadros, e em tensa instabilidade política lança as reformas de base. Este foi também um período de emergência dos movimentos sociais, da cultura “engajada” e de revoluções nos comportamentos. Nesse período efervescente a revista Alterosa parece transitar entre as tendências de direita – notadamente a que se filia seu proprietário, o udenista Magalhães Pinto – e de esquerda – que tem a simpatia do seu editor. Assim, publicavam matérias sobre a vida de John Kenned seu casamento e família, uma delas comparando aos romances de M. Dely; sobre “Churchill o herói cansado”; sobre o presidente francês o general Charles De Goulle; mas também sobre Fidel, Che Guevara, Trotski, a guerra do Chipre e especialmente sobre Goulart, sua bela esposa e filhos.

A primeira edição da revista logo após o golpe militar de 31 de março de 1964 trouxe na capa as chamadas: “Porque Lee Oswald poder ser inocente” para uma matéria sobre o assassino do presidente Kenned e, “Excuclusivo: a conspiração do segredo – em 20 pags. O que ninguém contou sobre a Revolução”, para um suplemento histórico da revista sobre o recente golpe político (cf. fig. 05).



Figura 05: Suplemento Histórico da Revista Alterosa sobre o Golpe Militar de 1964
Fonte: Alterosa, 10 abr./10 maio de 1964.

O Suplemento começa com a matéria intitulada “História de uma glória feita sem sangue” onde descreve a participação, narrada como “heróica”, do governador Magalhães Pinto – que mais tarde romperia com os militares – na organização e desencadeamento do golpe:

Durante 180 dias e 180 noites, um homem de 53 anos guardou, até da própria esposa, um segredo, repartido apenas com alguns chefes militares que, se fosse descoberto antes do “Dia D”, poderia salvar o ex-presidente João Goulart. Nome do homem de 53 anos: José de Magalhães Pinto, Governador de Minas. Seu segredo, só agora revelado: há 6 meses que ele, com uma discrição (*sic*) que o deixava fora de suspeitas, conspirava... (Alterosa, 10 abr./ 10 maio/1964, s/p.).

Segue com outras matérias sobre os acontecimentos de março de 1964 sob a ótica dos vencedores – militares e políticos conservadores da direita. Ao tomar o poder, o governo militar iniciou a cassação de mandatos, o fechamento de entidades classistas como o CGT, UNE e as Ligas Camponesas consideradas subversivas, exilou políticos, intelectuais e artistas e decretou a censura. Não obstante, na edição seguinte – maio/junho de 1964 – a revista trouxe como uma das suas principais reportagens “A canção do exílio de Maria Tereza” em que descreve a triste solidão da bela e querida ex-primeira dama brasileira, dois quilos mais ma-

gra, na praia Solimar em seu exílio no Uruguai. A reportagem que ocupou quatro páginas entre texto e fotografias de Tereza Goulart sozinha ou com os filhos destaca: “Longe da praia a exilada elegante passa as camisas do marido”. (Alterosa, 10 maio/10 jun., 1964, s/p.). Na mesma edição a “reportagem-didática” parece não querer deixar esquecer a ex-primeira dama brasileira, ou através dela, o governo deposto. A reportagem de Flávio Márcio “1^{as} damas: As bem-amadas da República”, descreve o perfil de ex-primeiras damas brasileiras dos primeiros anos da república onde a comparação com Maria Tereza é freqüente, sobretudo com a esposas dos ex-presidentes militares. Transcrevemos a seguir o primeiro parágrafo da mesma:

Não se trata de uma Miss Brasil do passado: esta elegante mulher de cabelos negros, cujo casamento em 1913 com um Presidente da República que, além de Marechal, era viúvo, fez gritar a oposição – tem um lugar, novamente vago, na história de nossas 1^{as}. Damas. Seu nome, Nair de Teffé, segundo amor do Marechal Hermes da Fonseca, continua vivo, por causa, sobretudo, de sua beleza: **ela é a única que pode figurar ao lado de Maria Tereza Goulart**. E, como Maria Tereza, Nair de Teffé dá lirismo a uma história de frágeis mulheres que, todas com coragem, viveram ao lado dos maridos um drama nacional, quase sempre. Muitas, chegaram sorridentes ao fim do reinado; outras – e Maria Tereza não é a única – partiram para o exílio. Todas porém realizaram uma façanha: ser querida ainda que seus maridos pudessem ser até odiados. Sempre foram as bem-amadas. (Alterosa, 10 maio/10 jun., 1964, s/p.). Grifos nossos.

No número seguinte, jun./jul., 1964, a revista publicou uma extensa matéria intitulada “Eles todos lutaram por um princípio: liberdade”, em que traz a história de ilustres mineiros, como Teófilo Otoni, Cônego Marinho, João Pinheiro, que do Império a República defenderam os ideais liberais de liberdade. Dá grande destaque à participação dos mineiros na “Revolução de Trinta”, e a manchete “Mulheres de 30 pegava no fuzil” destacava a participação inclusive das mulheres no conflito em batalhões de apoio. A matéria encerra-se com a publicação de trechos do manifesto de 1943, assinado por 77 políticos e intelectuais mineiros pedindo o fim da ditadura de Vargas. Destaca que, apesar de “moderado” provocou perseguições, dentre elas, à Magalhães Pinto e o ex-presidente Arthur Bernardes. A ação dos mineiros havia contribuído para que Vargas marcasse as eleições gerais em 1945. O manifesto é uma clara defesa da democracia. A seguir transcrevemos alguns dos trechos publicados:

... “A democracia não era mais, há alguns anos passados, um bem assegurado. Vivia ameaçada de dentro e de fora das nações, em muitos países falhou completamente.”
... “A extinção de todas as atividades políticas e de todos os movimentos cívicos forçou os mineiros, reduzidos à situação de meros habitantes de sua terra, a circunscreverem a sua vida aos estreitos limites do que é cotidiano e privado”./
... “Queremos algumas coisas além das franquias fundamentais, do direito de voto e do “hábeas-corpus”. Nossas aspirações fundam-se no estabelecimento de garantias constitucionais...”. (Alterosa, 10 jun./10 jul., 1964, s/p.).

Também na seção de “humor” aparecia a crítica indireta ao novo regime. Em julho Henfil criou e publicou a primeira estória dos *Fradins* – Baixim e Cumprido – que se tornariam mais tarde personagens famosos dos quadrinhos nacionais. Foram cinco quadros onde dois frades jogam nos transeuntes frutos colhidos da árvore em que estavam escondidos. Segundo Silva (*apud* Pires 2006, p.99), nessas estórias “não se identifica ‘oposição entre Baixim e Cumprido e sim entre ambos e os outros”, mas é notória a introdução da ‘metáfora do poder militar”. Ziraldo por sua vez satiriza a influência norte americana no país; a edição de out./ nov. de 1964 sua charge é sobre as eleições nos Estados Unidos.



Figura XX: Charge de Ziraldo sobre eleições norte-americanas em 1964
Fonte: Alterosa, 10 out./10 nov., 1964, s/p.

No final de 1964 a revista foi fechada. Os temas políticos que destacamos aqui sugerem os motivos.

REFERÊNCIAS

ALTEROSA. Belo Horizonte, 1939-1964.

BOSI, E. *Cultura de massa e cultura popular*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MAIA, C. Confidências e confissões: a construção de gênero nos consultórios sentimentais da revista Alterosa (1940-1945) In: *Anais do XV Encontro Regional de História*. São João Del Rei: Anpuh, 2006.

MAIA, C.; SILVA, T. B. O corpo em revista. In: CAMARGO, F.; PAGANINI, L. A.; PASSOS, V. L.(orgs.) *Inventário do corpo: recortes e rasuras*. Belo Horizonte: Veredas. (no prelo).

MORAES, D. *O rebelde do traço: a vida de Henfil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

PIRES, M. C. F. Cultura Política nos quadrinhos de Henfil. *História*, São Paulo, v. 25, n.2 p. 94-114, 2006.

